



Política Internacional (1945-1993): Bipolaridade e Multipolaridade*

Therezinha de Castro

O artigo faz uma análise sintética dos diferentes perfis apresentados pela Política Internacional, a partir do término da Segunda Guerra Mundial até 1993, e esboça seus possíveis contornos, a partir daí.

O mundo em que vivemos é um palco onde se desenrolam cenas da Política Internacional. Palco onde entram e de onde saem vários atores, os Estados que contracenam, através de seus representantes, Na primeira fila da platéia, a Geopolítica assiste à peça, cujo enredo se encontra no relacionamento da política com o espaço geográfico. Nos sucessivos atos que se desenrolam, compete-lhe analisar os fatos e apontar os problemas, para chegar a conclusões, por vezes precoces, deixando, no fechar das cortinas, que a Geoestratégia atue na problemática de sua solução.

Na guerra afeita à Política Internacional, o Estado tem papel central. Em nome dele, figurantes participaram de conflitos que mudaram, sobretudo, a Política Internacional. Adolfo Hitler é exemplo contemporâneo. Sua ação redundaria na Segunda Guerra Mundial,

terminada na Europa, em 8 de maio de 1945, com a capitulação do III Reich, e em 14 de outubro do mesmo ano, no Japão.

De 1939 a 1940, os governos de Paris e de Londres, capitais das potências bipolares, reuniram-se dezesseis vezes, sem conseguir evitar a *débâcle* da França, invadida pela "Guerra Relâmpago", ou "Blitzkrieg".

O conflito não só prosseguia como se alastrava, gerando negociações secretas entre militares ingleses e estadunidenses, ainda em janeiro de 1941, culminando com o encontro Churchill-Roosevelt, em agosto do mesmo ano, no mar, diante da Terra Nova. Quatro meses depois, precisamente a 7 de dezembro de 1941, atacados em Pearl Harbour, no Havaí, os Estados Unidos entravam na guerra. Esse ato do Japão, trazendo os Estados Unidos para o cenário bélico, tinha paralelo na atração da URSS para o conflito, em 1º de maio de 1941, quando Hitler,

* Selecionado pela PADECME

abandonando os conselhos de seus estrategistas, rompia o pacto de não-agressão acordado por Ribbentrop e Molotov¹.

Após a Segunda Guerra Mundial, os conflitos iriam adquirir certa especificidade no âmbito das relações internacionais, ultrapassando a esfera dos acontecimentos e dos próprios personagens que as provocavam. Os Estados Unidos e a URSS eram os novos personagens. Entre os "cinco grandes" agentes das primeiras cenas bélicas, três saíam vencidos—Alemanha, Itália e Japão; os outros dois eram vencedores, porém desgastados—França e Inglaterra.

Durante o conflito, a França saía logo de cena. A bipolaridade provisória ficava com os Estados Unidos e a Inglaterra, personagens de toda uma série de conferências para acertos geoestratégicos. A primeira, entre 22 de dezembro de 1941 e 14 de janeiro de 1942, codinominada ARCADIA, determinava ao lado de planos táticos, que nenhum dos dois países faria a paz em separado.

Dessa bipolaridade para a tripolaridade provisória estava-se a um passo, que seria dado na Reunião de Teheran,² já que ao lado de Churchill e Roosevelt, aparecia Stalin. No encontro dos "três grandes", em Yalta, cidade da costa meridional da Criméia³ para se decidir sobre o futuro da Alemanha, Stalin já deixava bem claro que a palavra "aliados" não tinha mais sentido. Ali, já se encontravam, na realidade, três Estados que negociavam

a paz para o mundo, que cada qual pretendia controlar. Na ocasião, já bastante doente, Roosevelt procurou minimizar os desacertos, pensando na utópica fusão dialética do capitalismo com o comunismo.

No confronto com o nazismo, enquanto os Estados Unidos lutaram em duas frentes, Stalin só concordou em declarar guerra ao Japão após a vitória na Europa. Por isso, enquanto as tropas anglo-estadunidenses não haviam ainda cruzado o Reno e, na Itália, encontravam-se atoladas nos Apeninos, o Exército Vermelho atingia o Oder, a Polônia e a maior parte da Europa Oriental, o que lhe favoreceria implantar, na área, a sua doutrina, e conseqüentemente, consolidar a "cortina de ferro". Conclui então Raymond Aron:⁴ "foi a movimentação dos exércitos que acarretou a partilha, não do mundo mas da Europa. Os ocidentais podiam prever que a linha da contenção de seus exércitos seria também a linha de contenção das democracias, à maneira ocidental... Se Roosevelt tivesse conhecido melhor a União Soviética e a Europa,

teria agido de outra forma". De fato, o Presidente dos Estados Unidos conhecera uma URSS muito fraca, isolada e atrasada, mas que mudaria substancialmente, após a derrota do nazismo.

Caberia, pois, aos sucessores de Roosevelt levarem os Estados Unidos a acreditar que a União Soviética representava uma ameaça militar para o mundo.

No encontro dos
"três grandes", em
Yalta, Stalin já
deixava bem claro
que a palavra
"aliados" não tinha
mais sentido.

1. Novembro de 1940

2. 28 de novembro a 1º de dezembro de 1943

3. 4 e 11 de fevereiro de 1945

4. "O Expectador Engajado" — Editora Nova Fronteira — Rio, 1962.

Bipolaridade

O último encontro dos “três grandes” ocorreu na conferência de Potsdam, entre 17 de junho e 2 de agosto de 1945, onde se decidiu sobre o fim do nazismo, já sem a presença marcante de Winston Churchill, derrotado nas eleições de seu país. Delineou-se aí o prognóstico de Goebbels, que escrevera em seu diário: “Seja qual for o resultado da guerra, só haverá um perdedor — a Inglaterra”. A Inglaterra não tinha mais garantido o seu “esplêndido isolamento” — o “heartland” perdera sua vulnerabilidade, com o aparecimento do poder aéreo, enquanto o poder marítimo tinha que ser reformulado.

Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, com a destruição de Hiroshima e Nagasaki, respectivamente, a bomba atômica imprimia novos rumos à Política Internacional. “A próxima Idade da Pedra poderá vir nas asas prateadas da ciência”, dizia Churchill, já substituído por Clement Attlee. Para esse novo primeiro ministro inglês, a Inglaterra estava “indefensável”. Tornava-se urgente discutir o tema da dissuasão do terror nuclear.

A História registra, às vezes, o engenho humano superando não só as expectativas, mas ainda as próprias previsões de seus inventores. Assim, Alfredo Nobel,⁵ após descobrir o dinamite, ficara certo de que contribuiria para o término das guerras. A partir de então, as armas tornar-se-iam tão mortíferas, que iriam atingir não só as tropas em combate como a própria população civil. Menos de um século depois, uma guerra atômica ali estava para produzir maiores calamidades, numa escala bem mais vasta, destruindo, por muito tempo, as infra-estruturas necessárias à vida social. Tanto assim que, no ano seguinte à destruição das cidades japonesas, Bernard Brodie publicava “*The Absolute Weapon*”, mostrando

que essa arma absoluta transformaria a feição do mundo. O objetivo dos chefes militares que, até então, fora o de ganhar as guerras, passaria a ser o de agir no sentido de preveni-las.

Só os Estados Unidos tinham a primeira arma do tipo, desenvolvida através do Projeto Manhattan, em Los Álamos, no isolado deserto do Novo México, antes que Hitler a conseguisse. Assim, através da “guerra de nervos, caberia à diplomacia de Washington conter, por algum tempo, com paciência, firmeza e vigilância, as tendências expansionistas de Moscou. Stalin, habilidosamente, conseguira vantagem para impor o seu sistema, enquanto seus exércitos marchavam. Tornou comunista a Europa, até o Elba, sem revoluções internas, do mesmo modo que sovietera os Estados Bálticos, durante o pacto de não-agressão que assinara com Hitler. Dentro do enfoque geopolítico, tratava-se de uma autêntica incorporação à esfera de poder soviético ou, mais simplesmente, uma compulsória subordinação ao controle pelo Kremlin de países até então tradicionalmente ocidentais, como a Polônia, a Hungria, a Tchecoslováquia e a própria Alemanha Oriental. O resultado prático é que começaria pela Europa a divisão do mundo em dois blocos antagônicos.

Entrava em vigor, a 5 de junho de 1947, o “Plano Marshall”, para a reconstrução da Europa Ocidental, ameaçada pela ocupação russa em sua parte oriental. O bloqueio de Berlim, no ano seguinte, iria mobilizar o Ocidente que, a 4 de abril de 1949, dava origem à OTAN (Organização dos Tratados do Atlântico Norte), através do “Tratado de Washington”.

Até então, a relativa inferioridade da URSS era justificada pela desvantagem com que saíra da guerra, em relação aos Estados Unidos. Seu território fora arrasado, o que não ocorrera no país americano, e perdera 20 milhões de pesso-

5. Químico sueco (1833-96), dispôs, por testamento, de sua fortuna, criando cinco prêmios que trazem o seu nome — paz, literatura, fisiologia e medicina, física, química e ciências econômicas.

as. Por isso, os Estados Unidos emergiram como única potência industrial-militar, até que, em 1949, se impusesse a bipolaridade, com a URSS anunciando a explosão de sua primeira bomba atômica, quebrando-se o monopólio sobre a grande arma.

Impunha-se a previsão des Alexis de Tocqueville,⁶ e que, em 1833, portanto mais de um século antes do término da Segunda Guerra Mundial, afirmava: "Existem hoje sobre a terra dois grandes povos que, tendo partido de pontos diferentes, parecem adiantar-se para o mesmo fim — os russos e os anglo-americanos. Ambos cresceram na obscuridade e, enquanto os olhares dos homens estavam ocupados noutras partes, colocaram-se de improviso, na primeira fila entre as nações e o mundo se deu conta, quase que ao mesmo tempo, do seu nascimento e de sua grandeza. Todos os outros povos parecem ter chegado, mais ou menos, aos limites traçados pela natureza, nada mais lhes restando senão manterem-se onde se acham; mas aqueles estão em crescimento; todos os outros se detiveram, ou só avançam a poder de mil esforços... O americano luta contra os obstáculos que a natureza lhe impõe; o russo está em luta contra os homens. Por isso, enquanto as conquistas do americano se firmam com o arado do lavrador, as do russo o fazem com a espada do soldado. Para atingir a sua meta, o primeiro apóia-se no interesse pessoal e deixa agir, sem dirigí-las, a força e a razão dos indivíduos. O segundo concentra num homem, de certa forma, todo o poder da sociedade. Um tem por principal meio a ação, a liberdade; o outro a servidão. O seu ponto de partida é diferente, os seus caminhos são diversos; não obstante, cada um deles parece convocado, por um designio secreto d. Providência, a

deter nas mãos, um dia, os destinos da metade do mundo".

Guerra Fria

No âmbito das relações internacionais, após a Segunda Guerra Mundial, impunha-se a previsão de Tocqueville na bipolaridade Estados Unidos/URSS. O físico Oppenheimer caracterizaria o confronto da Política Internacional, tomando a imagem de dois escorpiões dentro de uma garrafa. Implantava-se a "Guerra-Fria", termo que alguns atribuem a Raymond Aron, com os Estados Unidos contestando o monopolitismo do comunismo, e a União Soviética, apresentando-se como um estado revolucionário, reprovando o capitalismo.

No bojo da Política, impunha-se não só a difusão dos conhecimentos, como ainda o progresso da técnica. O poder da "bomba-A" passava para o domínio de outros países, embora tendo tido rápida supremacia, devido ao o aparecimento da "bomba-H", de hidrogênio, arma termonuclear com poder 700 a 800 vezes maior que o de sua antecessora. Esse fato levaria a Primeira Assembleia Geral da ONU, em 24 de janeiro de 1946, a aprovar, por quase unanimidade, a criação de uma Comissão de Energia Atômica, autoridade supranacional para o controle de toda produção de materiais radioativos, logo rejeitada pelo veto de Andrei Gromiko, com a União Soviética já prestes a conseguir o seu primeiro petardo.

O derrame ilimitado de verbas seria uma constante por parte dos governos de Washington e Moscou para aperfeiçoar armas, que pouco ou nunca foram usadas, enquanto os avanços e recuos eram uma constante na bipolaridade da "Guerra Fria" tendo, até mes-

6. *A Democracia na América* — Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, 1962.

mo, caracterizado-se por um período de degelo, que convencionamos chamar de "Paz Morna".

Começou esse período, praticamente, a 6 de março e 1963, com a morte de Joseph Stalin. A mobilização ocidental, através da OTAN levava MOLOTOV a propor, em 1954, a "Coexistência Pacífica", na prática, um pacto europeu de segurança, com duração de 50 anos, que previa a dissolução de toda e qualquer organização militar, nos dois campos antagônicos. A proposta não seria aceita pelos Estados Unidos, vendo que a medida não implicaria, no lado soviético, em grandes transtornos. Essas forças recuariam umas centenas de quilômetros, enquanto as da OTAN ficariam apenas do outro lado do Atlântico.

Por isso, a "Paz Morna" seria selada pela "Geopolítica do Confronto". A não aceitação da "Coexistência Pacífica" levaria, em resposta à OTAN, à formação, em 15 de maio de 1955, do Pacto de Varsóvia, firmado sob o nome de "Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua". Além da presença da OTAN, o Pacto de Varsóvia havia se tornado necessário, para fazer frente a revoltas de caráter anticomunista que começavam a estourar em Berlim (1953) e na Posnânia (1954).

Nessa bipolaridade geoestratégica, a OTAN teria sua unidade consolidada, em períodos de grandes dificuldades, já que a presença maciça da União Soviética, no setor leste do continente, não permitiria aos europeus ocidentais, sozinhos, conter uma invasão, enquanto o Pacto de Varsóvia reagisse contra o sistema de defesa dessa mesma Europa Ocidental. Distingua-se o Pacto de Varsóvia pela continentalidade de suas linhas de comunicação, contrastando com a OTAN, de caráter bem mais aeromarítimo.

No meio desse fogo cruzado, a ONU, como organismo internacional, não conse-

guia — mesmo com o poder de veto dos "cinco grandes" no Conselho de Segurança — impedir que as duas superpotências extrapolassem a Europa e dividissem o mundo em zonas de influência, conforme previra Tocqueville, em 1835. O confrontante Eixo Leste/Oeste da oscilante Ásia, na duplicidade coreana, vietnamita e chinesa, passava para a frágil África, que se descolonizava. Mesmo com a assinatura do TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca), na cidade do Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 1947, para isolar o continente do confronto, esse chegava ao Caribe, onde Cuba, a partir de 1960, transformava-se no centro exportador de guerrilhas.

Do Eixo Leste/Oeste, a "Guerra Fria" incluía, embora indiretamente, a Antártica, através do AGI (Ano Geofísico Internacional), iniciado em 1957, levando a Política Internacional a firmar, no dia 1º de dezembro de 1959, na cidade de Washington, um tratado segundo o qual o Continente Austral seria usado "exclusivamente para propósitos pacíficos". Daí, as superpotências iriam atingir o espaço, para onde lançariam os seus satélites artificiais. O "Sputnik" russo seria o primeiro, em 4 de outubro de 1957, seguido pelo "Explorer I", dos Estados Unidos, em 31 de janeiro de 1958. Ampliava-se a tecnologia, com os "Luniks" dos russos, capazes de escapar da atração terrestre e contornar a Lua e os aparelhos capazes de conduzir seres vivos no seu bojo, com a cachorrinha Laika antecedendo as viagens espaciais, cujos pioneiros seriam o russo Gagarin e o estadunidense Sheppard.

Em 20 de julho de 1969, a "Apolo 11" chegava à lua, transportando três astronautas: Michel Collins, piloto do módulo; Neil Armstrong o comandante da missão e primeiro homem a descer no satélite da Terra, no que foi seguido por Edwin E. Aldrin, e este último.

Já então a corrida espacial era fato consumado, pois, a 27 de janeiro de 1967, as duas superpotências assinavam o Tratado de Utilização Pacífica do Espaço. Enquanto a multiplicação e sofisticação dos satélites assegurava, gradativamente, aos dois países, missões militares diversas (vigilância, transmissão de informações, navegação), transformava-se o sistema espacial em elemento importante, o que levava a "Geopolítica do Confronto" a adotar armas anti-satélites com a ação baseada em terra. Coube aos Estados Unidos pôr um fim à vulnerabilidade dos sistemas estratégicos centrais militares, lançando, em 1983, a SDI (Strategic Defense Initiative), popularizada como "Guerra nas Estrelas", ante a ameaça dos ICBM (Inter-Continental Ballistic Missile) dos soviéticos. Em maio de 1993, Bill Clinton anunciava que os Estados Unidos renunciavam à realização do programa SDI; o desaparecimento do tradicional inimigo da "Guerra Fria" levava o Pentágono a um programa mais apurado do GPS (Global Protection System), de proteção contra possíveis acidentes nucleares.

Aos poderes marítimos, terrestre e aéreo, viera se juntar o aeroespacial, nesse mundo onde ainda se impunha a dissuasão nuclear, já que com o desmembramento da URSS, além da Rússia surgiram outras três potências nucleares — o Kasaquistão, a Bielorrússia e a Ucrânia. Ao contrário dos dois primeiros que entregaram seus arsenais, tornando-se a terceira potência militar do mundo, a Ucrânia, com armas muito poderosas,⁷ passava a ser a principal preocupação, por se negar a fazê-lo.

Finda a "Guerra Fria", a Política Internacional passou a se interessar por questões locais

— o conflito na Iugoslávia, a guerra no Golfo Pérsico, a questão Israel-Palestina etc. E, muito embora Clinton e Yeltsin tenham anunciado ao mundo que os mísseis de longo alcance deixarão de ser apontados para os seus dois países, o simbolismo de tudo está no fato de que esses engenhos, podem, graças ao computador, ser programados, de novo, em poucas horas.

Dissuasão Nuclear

Ainda no transcorrer da "Guerra Fria", em face dos problemas angustiantes na Política Internacional, impôs-se a "Doutrina das Repressálias Maciças", através da qual os Estados Unidos — no caso de a URSS recorrer ao conflito — deveria se valer de todos os seus meios nucleares. Era, na prática, uma "política de beira de precipício", a fim de intimidar o adversário para que não alterasse o "status quo".

Era este o cenário quando, no âmbito das relações internacionais, sobretudo a partir de 1960, a descolonização iria produzir novos países na Ásia e, sobretudo, na África. Ultrapassando, em número, o bloco latino-americano, punha em confronto a maioria tradicionalmente inspirada pelos Estados Unidos no "abrigo de vidro" da ONU.

A situação tornava-se bastante perigosa, caminhando então para o meio-termo das chamadas guerras nucleares limitadas e a utilização de armas nucleares táticas. Isso porque, estrategistas, entre os quais Henri Kissinger, consideravam que as armas haviam passado a ser de natureza meramente defensiva para obter a ofensiva. No entanto, para que a guerra fosse limita-

7. Para se ter uma idéia, segundo "The Military Balance 1993-94", do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, tem o referido país 46 mísseis SS-24, com 460 ogivas. Sabendo-se que cada míssil carrega até 10 ogivas nucleares de 500 quilotons, com um alcance de 10.000km. Um único desses mísseis tem um poder de fogo equivalente a 400 mil bombas iguais a que destruiu Hiroshima. Por isso, a Ucrânia, procurou usar esse arsenal, com 210 mísseis nucleares com silos fixos e em bombardeiros, num total de 1.196 ogivas, como instrumento de barganha, em troca de ajuda para vencer a grande crise econômica que atravessa.

da, era necessário que o fossem, igualmente, os objetivos políticos. E isso não ocorria no meio do bloco ocidental e, mesmo, de certo modo, no do bloco oriental.

No Ocidente, impunha-se a era das comunicações efêmeras, por conta de uma sociedade estruturada na tecnologia e na informática, com crenças institucionalizadas, sem muito ter a ver com a realidade. No Oriente, impunha-se o vírus da erosão contínua do modelo monolítico das estruturas partidárias, com o despertar das "classes políticas" e até de "sindicatos", num Leste Europeu que procurava aliviar-se do tacco do Kremlin.

Conseqüentemente, a "Doutrina das Represálias Maciças" não garantia mais os interesses coletivos do Ocidente, muito embora um dos paradoxos da arma atômica tenha sido a imposição do princípio da não proliferação, implicitamente admitido. No entanto, nesse ocidente, a França de De Gaulle procurava se impor, desde 1958, subordinando sua permanência na OTAN a uma igual participação na estratégia global. E, dentro desse princípio, em nome de uma união da Europa do Atlântico aos Urais, acatava, em 1965, a proposta soviética de entendimento no sudeste asiático, retirando-se da OTAN, no ano seguinte.

Em face da desagregação dos blocos, também no oriente, a Hungria (1956) e a Tchecoslováquia (1968) levavam a URSS à intervenção militar para esmagar dissidências.

Enquanto, de seu lado, o Terceiro Mundo aproveitava a "crise nas alianças leste/oeste", procurava formar, sem muito sucesso, o "Grupo dos Não Alinhados".

Com base nessa paisagem internacional evoluía-se para a "Doutrina das Represálias Graduadas", adaptadas a novas formas de guer-

ras periféricas, desde que se tornassem necessárias, por minarem os objetivos do Kremlin ou do Pentágono. Assim, na impossibilidade do conflito total, pelos perigos que dele adviriam, iriam proliferar os confrontos regionais, via de regra nas chamadas "fimbrias" de Spykman, no hemisfério sul. A dissuasão nuclear impunha, na "Guerra Fria", a "não guerra" de Pierre Hassner que, na concepção de Raymond Aron, redundava na "paz impossível de uma guerra improvável".

Tudo isso refletia a rápida evolução da tecnologia bélica, impondo-se desde o míssil balístico aparecido em 1960, que atingia o adversário muito mais rapidamente do que o bombardeiro. Os misseis intercontinentais haviam tornado as superpotências tão vulneráveis que, em grande parte, faziam perder sentido os termos vitória e derrota. Acentue-se que toda essa mudança era bem mais oriunda do progresso tecnológico do que da perspicácia dos estrategistas propriamente ditos.

Assim, a "Destruição Mútua Assegurada", conhecida pela sigla MAD — que, em inglês, significa louco — iria impor a geoestratégia do "Equilíbrio do Terror". No seu bojo, para a estabilização do relacionamento geoestratégico, em face das vulnerabilidades recíprocas, era assinado, em 1968, o TNP (Tratado de Não Proliferação),⁸ seguindo-se o ABMT (Tratado sobre os Anti-Misseis Balísticos). O "Anti-Ballistic Missile Treat", também conhecido como SALT-1, data de 1972, sendo seguido pelo SALT-2, em 1979, não ratificado pelo Senado dos Estados Unidos. Na prática esses SALT ("Strategic Arms Limitation Talks") não geraram qualquer redução nas forças nucleares de ambos os lados, muito embora hajam fixado tetos para certas categorias de armamentos

8. A ele, não aderiram a França, que se retirou da OTAN, e a China, afastando-se das diretrizes do Kremlin. O governo de Paris via incompatibilidade no sistema de vigiância imposto, defendendo o direito de acesso à tecnologia bélica dentro do princípio vigente da igualdade entre os Estados soberanos.

nucleares estratégicos. Assinados em nome da "Doutrina da Contraforça" para implantação de um poder atômico nivelado, representavam na prática, uma falsa segurança.

Mesmo porque, sob o ângulo da Política Internacional, os armamentos nucleares nada mais fizeram do que desnivelar, impondo desigualdade entre os que possuíam e os desprovidos, desnivelamento caracterizado, com os primeiros procurando se manter como blocos privilegiados, impondo aos desprovidos que não adquirissem a referida tecnologia. Tudo isso, dentro do enfoque geoestratégico de que a segurança de alguns significasse a insegurança absoluta dos demais.

Dentro do saldo positivo, embora tenha havido proliferação das armas de terror, a dissuasão nuclear serviu como elemento estabilizador nas relações internacionais, levando, em contrapartida, as esferas diligentes das superpotências a instalarem, entre os dois países, um sistema de comunicação adequado que, trocando informações, evitaria o eventual acidente nuclear.

Multipolaridade

A Segunda Guerra Mundial daria o golpe mortal nos impérios ultramarinos europeus que, inicialmente através da Espanha e de Portugal, e depois da França e Inglaterra, dominariam a cena da Política Internacional desde o século XV. Em meados do século XX, esse lugar seria ocupado pelos Estados Unidos e pela URSS, países dotados de amplo território e extensas fachadas marítimas. No entanto, na ausência de territórios ultramarinos, os blocos capitalista e comunista, não mais dentro do colonialismo, iriam se confrontar na geopolítica do imperialismo. Era a interdependência assimétrica dentro do heterogêneo Terceiro Mundo, termo criado

por Alfred Sauvy.

O imperialismo agravaria a dependência dos países pobres com a crise do endividamento, perpetuando-lhes a sujeição e transformando-os em PMA (Países Menos Avançados), na periferia da economia mundial.

Dentro da heterogeneidade desse Terceiro Mundo, alguns países conseguiram galgar um estágio intermediário entre "ricos" e "pobres", classificando-se como "potências emergentes" dentro de um sistema tripolar leste oeste/sul. Não conseguiram, no entanto, fugir da ação dos países industrializados do eixo leste-oeste, consagrado no "norte"; que passavam a exercer influência determinante na Política Internacional, através de instituições especializadas da ONU, com destaque para o FMI — Fundo Monetário Internacional.

Assim, no âmbito do "sul", em certas circunstâncias, chegam mesmo a violar princípios essenciais de Direito Internacional para satisfazer suas ambições e manter o posicionamento. Com isso, a legitimidade passa a não se confundir com legalidade, já que as ideologias exerciam papel preponderante no processo da legitimação,⁹ impondo a regimes políticos a categoria de "quase Estados". Refletia a época em que as duas superpotências, com mais de 90% do poder de fogo de todo o mundo, caracterizavam a Política Internacional pelo "central", dominando a "periferia".

Essa ordem bipolar, pode-se dizer, seria em parte minada, em fevereiro de 1972, pelo "grande trunfo chinês", impondo a "diplomacia triangular". Baseando-se no relacionamento antagonico entre os "dois atores principais", a China começava a despertar, enfrentando a URSS e se aproximando dos Estados Unidos, entrando para a ONU, onde conseguiu substituir Formosa, no quadro dos "cinco grandes" do Conselho de Segurança. Impunha seu

9. A doutrina Brejnev criou a noção de soberania limitada para justificar a tutela da URSS sobre países atraídos para o campo socialista.

posicionamento no Terceiro Mundo, deixando o grande império comandado por Moscou praticamente estrangulado no Pacífico. Era uma geoestratégia coerente, visto que a reconciliação sino-soviética era mais do que improvável, em face da segurança imediata da China, possuidora da maior fronteira comum do mundo com a URSS. Dessa "diplomacia triangular" caminharia o mundo para a multipolaridade, quando nos anos 80, o Japão e a Alemanha — esta última em nome de uma Europa Ocidental — tornavam-se concorrentes dos Estados Unidos nos setores econômico e comercial.

A queda do "muro de Berlim", em 1989, e a reunificação da Alemanha no ano seguinte, apressariam, sobretudo, o processo do multipolarismo, marcando o fim da disputa comunismo/capitalismo. No entanto, a bipolaridade imposta, após a Segunda Guerra Mundial, só teria fim em 1990, com o desaparecimento da URSS e o aparecimento da CEI,¹⁰ ainda uma incógnita no âmbito das relações internacionais.

Essa incógnita manteve os Estados Unidos como a maior potência militar do mundo, ao se dissolver oficialmente o Pacto de Varsóvia, a 10 de julho de 1991. E essa dissolução, por sua vez, diminuiu, para alguns, a importância da OTAN dentro do seguinte questionamento: por que 320 milhões de europeus ricos tinham necessidade do apoio de 240 milhões de estadunidenses, igualmente ricos, para se defenderem de 280 milhões de soviéticos de economia doente?

Com a multipolaridade, entravam na cena da Política Internacional três atores: Estados Unidos, Japão e Alemanha — o vencedor e os vencidos da Segunda Guerra Mundial — numa peça que passava a ser representada entre ele-

mentos cooperativos e competitivos. O capitalismo individualista dos Estados Unidos passava a contracenar com o capitalismo comunitário alemão e japonês. Era o "I" estadunidense contra o "Das Volk" e o "Japan Inc". A mesma tecnologia que ameaçara o mundo com suas armas sofisticadas, se impunha para subverter valores. As indústrias-chave passavam a ser a microeletrônica, a biotecnologia, a aviação civil, as telecomunicações, a robótica e computadores e software. O inventar e aperfeiçoar novos processos tornava-se prioritário. Impunha-se a tese de Haushofer, dos eixos norte-sul, lançada em 1937. Através dela, o "norte" industrializado e desenvolvido, de posse da tecnologia, conjugaria seu espaço com o "sul" subdesenvolvido, mantido como exportador de matérias-primas e mercado consumidor.

Impunha-se um novo desnivelamento em que o "norte" procurava se manter como privilegiado, impedindo que o "sul", não dotado, adquirisse a tecnologia. No caso presente do mais adiantado eixo norte-sul, formado pela União Européia, substituída da Comunidade Econômica Européia, as convenções assinadas em Lomé atrelaram à locomotiva do "norte" os vagões do "sul", dentro de um princípio bem conhecido da História, o de que, numa união econômica, os estranhos devem ser mantidos à distância, já que é esta a cola que conserva unidos os que integram o grupo heterogêneo.

Do mesmo modo que ocorreu com a bipolaridade EEUU/URSS, essa multipolaridade também tem raízes na Segunda Guerra Mundial. Naquele período, tanto a Alemanha quanto o Japão, em face do expansionismo, tinham, na carreira militar, a mais privilegiada; ocorria justamente o inverso nos Estados Unidos, o celeiro econômico do

10. A centralizada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas se transformava num conglomerado de repúblicas autônomas denominado *Comunidade de Estados Independentes*. O fenômeno Gorbachev com sua "Perestroika" foi algo incompleto montado sob a base real da "Glasnost". O plano e a ação não se coadunaram a contento.

Mundo, onde o futuro mais promissor era o dos empresários. Transformando-se em superpotência, com a mundialização dos seus problemas, os Estados Unidos passavam a dispensar mais atenção ao seu setor militar, enquanto se invertia a situação para os derrotados — Alemanha e Japão. A Alemanha, diante da “cortina de ferro”, transformava-se em peça fundamental para a OTAN, recebendo proteção militar e tudo de que necessitasse para sua reconstrução, via plano Marshall. Já o Japão ascendia economicamente, enquanto os Estados Unidos se desgastavam com guerras na Coreia e no Vietnã e, sobretudo, no embate contra o comunismo, para proteger as ilhas nipônicas desmilitarizadas e abrigadas no manto geoestratégico do Pentágono.

Como reflexo da “Guerra Fria”, os investimentos nas fábricas e em equipamentos não acompanhariam a força de trabalho nos Estados Unidos; capital e trabalho não teriam o incremento necessário. Já o Japão e a Alemanha, desviando tudo para o setor econômico, valiam-se da engenharia da reversão — inventar novos produtos passava a ser secundário, aperfeiçoar novos processos era o prioritário. No Japão, em particular, impôs-se política, até certo ponto fanática, para alcançar os mais altos níveis de controle de qualidade, usando-se e aperfeiçoando-se técnicas sofisticadas de administração e métodos de produção do Ocidente. E foi assim que, gradativamente, a locomotiva econômica estadunidense começou a perder força de puxar o resto do mundo, contribuindo para a multipolaridade.

Conclusão

Na década de 20 e no princípio dos anos 30, quando abalos financeiros originaram a “Grande Depressão”, as então duas potências da

bipolaridade, França e Inglaterra, davam indícios de que, em breve, cederiam seus lugares no âmbito das relações internacionais. Procuraram então se valer de “tábuas de salvação”, formando, cada qual, blocos de comércio — o do Império Britânico ou *Commonwealth* e o da União Francesa, ambos apoiados no espaço vital que possuíam nas colônias que ainda mantinham.

Três outras nações se sentiram prejudicadas com o protecionismo dos dois blocos. Por isso, o Japão passou a se envolver no Pacífico, enquanto a Alemanha se unia à Europa Oriental, o que ameaçava interesses da URSS. Por sua vez, a Itália se voltava para o Adriático e a Cornucópia Africana, onde enfrentava interesses ingleses, e atingia o norte da África, onde também se rivalizavam franco-alemães. Assim, no cenário da Política Internacional, os blocos econômicos se transformaram em alianças militares, deflagrando-se a Segunda Guerra Mundial. Decretada a sentença de morte dos impérios ultramarinos, colocavam-se os Estados Unidos e a URSS em primeiro plano. Mas, se é fato que a bipolaridade foi comprometida com a saída da União Soviética do confronto internacional, é sobretudo real que a parcela do poder mundial dos Estados Unidos também vem declinando, com o advento da multipolaridade.

Num movimento inverso ao ocorrido na década 20/30, os blocos militares se dissolvem para dar lugar aos blocos econômicos, nesta transição para a multipolaridade que se implanta na década de 90¹¹ — transição para uma futura bipolaridade a ser contracenada por dois outros países que, entre outros quesitos, devem ter, como os seus antecessores, vasto espaço vital e ampla fachada marítima, visto que, politicamente, a conjugação colonial esta encerrada.

Subtraindo-se as duas superpotências entradas no “cone de sombra”, apenas cinco paí-

11. A dissolução militar conhecida como “Opção Zero”, num documento de 169 páginas, 17 artigos e 3 anexos, datado de 8 de dezembro de 1987, assinado pelos Estados Unidos e pela URSS, levou esses países a se comprometerem a eliminar seus mísseis de médio e curto alcance.

ses se enquadram nas condições exigidas: no Oriente, China, Austrália e Índia; no Ocidente, Canadá e Brasil. Com a homogeneidade racial exigida, pois massa crítica é conjugação de área e população, a China e o Brasil estão melhor classificados dentro da fórmula Ray Cline de "poder perceptível".

No entanto, na transicional multipolaridade dos eixos norte-sul, formados pela Alemanha e Japão, vem se esboçando o de NAFTA (North American Free Trade Agreement), liderado pelos Estados Unidos. Nesse eixo do NAFTA, a uma América anglo-saxônica se impõe outra latina, com crescentes desafios aos interesses nacionais dos Estados Unidos. Justamente nas suas fronteiras, encontra-se um deles — o México, cuja dualidade econômica leva o país ao conflito do Zapatismo,¹² ao êxodo de milhares de mexicanos para o "gigante do norte".

Problema similar já atinge o Japão, que se recusa a receber nipônicos que imigraram ou seus descendentes, bem como a própria Europa, com o que se convencionou chamar de "invasão dos novos bárbaros" — formada por imigrantes do "sul" e acoplada à locomotiva do "norte" —, que anteriormente, aceitos como mão-de-obra barata, são hoje rechaçados pela recessão. No caso europeu, propicia-se o renascer do neofasismo, chegando-se até a eleger o líder neofasista russo, Vladimir Jirinovski, nas eleições legislativas russas, em 12 de dezembro de 1993.

Enquanto isso, os Estados Unidos, a despeito do NAFTA, parecem ainda sonhar com o eixo leste-oeste, procurando aproximar-se dos países do Leste Europeu, envolvendo-os num

plano de cooperação militar limitado com a OTAN. É que, a despeito do eixo norte-sul em formação, dentro da geoestratégia do governo de Washington, os Estados Unidos, como país bioceânico e inter-relacionado no hemisfério norte, não podem reduzir a significação da massa asiática do Pacífico, nem da Europa que ajudou a soerguer.

Conclui-se que, com a formação de blocos econômicos, no contexto da Política Internacional, o motor principal se encontra ainda numa franca oposição norte-sul, substituindo as cisões ideológicas que caracterizam a bipolaridade que se extingue — cisão que, por certo, não poderá ser contornada por uma ONU ou cerca de 400 outros organismos internacionais, com suas respectivas sedes do "norte", em Bruxelas, Genebra, Nova York, Washington, Roma, Viena ou Haia.

A "Nova Ordem Mundial" deve assegurar a participação de novos personagens que surtem no palco. São eles "outras potências econômicas ou políticas, dentre as quais podemos mencionar a Índia, a Indonésia e o Brasil"¹³. Segundo Senarclens, "a desintegração da URSS contribuiu para o aparecimento de novas potências militares regionais como Japão, Índia, Brasil ou mesmo a Comunidade Européia, implicando isso numa reformulação do Conselho de Segurança da ONU". Significa, em linhas gerais, que a Política Internacional, após a "Guerra Fria", não pode mais "substituir desejos abstratos e objetivos vagos; é o caso do Conselho de Segurança da ONU, comandado por apenas cinco Estados que, pelo direito de veto, dispõem

12. Homenagem ao lendário Emiliano Zapata. Daí o Exército Zapatista de Libertação Nacional, que no início de 1994, sublevoou o sul subdesenvolvido contra o norte mais privilegiado, que também já teve, em Pancho Villa, seu herói.

13. Pierre Senarclens - obra citada na Bibliografia.

14. A União Européia teve o nome de Comunidade Econômica Européia e Comunidade Européia. Percebe-se que a subtração do termo "econômica", indica que o Tratado de Maastricht se propõe a dar novos rumos ao problema da soberania estatal.

do destino de todos os outros".

O nosso planeta vem passando, desde 1990, das dimensões mundiais do eixo leste-oeste para a fase transicional multipolar dos eixos norte-sul, caracterizadamente regionais. E, dentro de tal realidade, não se pode ignorar as dimensões estatais, já que o Estado-Nação¹⁴ é uma entidade monolítica. Assim, a Política Internacional deve se ater ao fato de que nada mais é do que um simples jogo realizado por entidades soberanas.

Bibliografia

RENOUVIN, Pierre e Duroselle, Jean Baptiste. *Introdução à História das Relações Internacionais*. Difusão Européia do livro - S. Paulo, 1967.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. Editora Campus Rio, 1989.

DEFARGES, Pierre Moreau. *La Politique Internationale* - Hachette Supérieure - Paris, 1990.

SENARCLENS, Pierre de. *La Politique Internationale*. Armand Collin - Paris, 1992.

A História, por sua vez, vem mostrando que, no cenário geopolítico, o poder é passageiro, já que jamais um Estado conseguiu se manter permanentemente dominando os outros. A bipolaridade vem sucedendo a fase transitória da multipolaridade, para desembocar numa outra bipolaridade. Tudo dentro da dinâmica geopolítica de que as nações nascem, crescem, algumas se projetam e outras não... e morrem, isto é, cedem seus lugares no diversificado jogo da bipolaridade, a suas sucessoras.

PARMENTIER, Guillaume. *Le Retour de l'Histoire (Stratégie et Relations Internationales pendant et après la Guerre Froide)* - Editions Complexes - Bruxelles, 1993.

ZORGBIDE, Charles. *Chronologie des Relations Internationales Depuis 1945*. Presses Universitaires de France - Collection Premier Cycle - Paris, 1991.

———. *L'Après Guerre Froide en Europe*. Presses Universitaires de France - Paris, 1993.

THUROW, LESTER. *Cabeça a Cabeça (A Batalha Econômica entre Japão, Europa e Estados Unidos)*. Editora Rocco - Rio, 1993.



THEREZINHA DE CASTRO. Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional da Universidade do Brasil (Atual UFRJ). Conferencista de Geopolítica na ECEMAR. Professora do Colégio Pedro II. Entre suas obras destacam-se: *Rumo à Antártica*; *Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil*; *Geopolítica: Princípios, Meios e Fins* e outras. Atualmente é membro do corpo permanente da Escola Superior de Guerra.

14. A União Européia teve o nome de Comunidade Econômica Européia. Percebe-se que a subtração do termo "econômica", indica que o tratado de Maastricht se propõe a dar novos rumos ao problema da soberania estatal.